

De partidas, ausências e não regressos: o discurso antiépico de Lobo Antunes

Matches, absences and no returns: the anti-epic speech of Lobo Antunes

Paulo Ricardo Kralik Angelini

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Mesmo o cantar das glórias portuguesas camoniano reserva um espaço indelével para a crítica de uma incipiente decadência. Adensado com Fernando Pessoa e potencializado com António Lobo Antunes, o discurso antiépico tem local assegurado na contemporânea literatura lusitana. Este artigo pretende discutir a decadência trazida pelas obras *As naus* e *Os cus de Judas*, desnudando um Portugal pequeno, quase desvalido, já sem pompa nem colônia. Lobo Antunes reconstrói seus próprios *Lusíadas*, refundando uma colonização em um espaço de perdas e de ausências, personagens que carregam as marcas de um apagamento da identidade e do sujeito fragmentado, características caras à contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Discurso antiépico. Narrador. Identidade. Pós-colonialismo. António Lobo Antunes.

Abstract: Even the praising of Portuguese glories by Camões presents an ineradicable gap for criticism of an incipient decay. Densified with Fernando Pessoa and potentiated with António Lobo Antunes, the anti-epic speech has assured its place in contemporary Portuguese literature. This article aims to discuss the decay brought by *As naus* and *Os cus de Judas*, uncovering a small, close to defenceless Portugal, left with no pomp or colonies. Lobo Antunes reconstructs its own *Lusíadas*, recreating colonization in spaces marked by loss and absence, characters that bear the marks of erased identities and fragmented personas, significant in contemporary features.

Keywords: Portuguese Literature. Anti-epic speech. Narrator. Identity. Postcolonialism. António Lobo Antunes.

Abri os olhos vazios sobre o nada
Das fronteiras quebradas do meu corpo
E vejo o meu silêncio
No silêncio da morte
Minha estátua esculpida de palavras
Como um corpo refletido
Na sua própria ausência
(Helder Macedo)

E é sempre para longe – quer se trate do Oceano ou da alma –
que se dirige a vocação portuguesa, ‘vocação do impossível’, do
próprio excesso (Gilbert Durand)

Para Maria Luíza Ritzel Remédios, mestre e colega generosa.

A posição geográfica portuguesa, cantada por Luís de Camões em *Os Lusíadas* como “quase cume da cabeça/ da Europa toda” (CAMÕES, 1964, p. 85), exatamente ali, “onde a terra se acaba e o mar começa” (Ibidem, p. 85), parece já esconder uma inquietação de não pertencimento, uma precariedade territorial quase a desaparecer-se da Europa, metáfora belamente contada, aliás, por José Saramago em *Jangada de Pedra*. Eis Portugal, na beira de uma península fragilmente configurada junto à massa europeia. Esta construção imagética não está representada apenas quando percorremos o olhar em um mapa-múndi; é esta imagem representativa também no universo simbólico português.

É provavelmente o mar, este espaço de contornos não de todo definidos, de uma não solidez tão óbvia quanto metaforicamente oportuna, o grande *palco* de uma trajetória ímpar, à luz dos séculos XV e XVI. Uma nação voltada para o mar ou, como bem nos avisa Eduardo Lourenço, o próprio *navio-nação*, uma vez que “nenhuma barca europeia está tão carregada de passado quanto a nossa. Talvez por ter sido a primeira a largar do cais europeu e a última a regressar” (LOURENÇO, 2001b, p. 65).

O nosso imaginário a respeito das navegações está repleto de caravelas, a partirem de Belém, na corrida para a conquista de novas terras, imposição para o mundo da brava gente portuguesa, estabelecimento de uma nova e grande nação. Foram essas façanhas contadas por um poeta, arditosamente costuradas dentro de uma lógica épica, na qual emerge um discurso de exaltação a uma nobreza, guerreira ou não,

de navegadores ou não, vitoriosa. “Cale-se de Alexandre e de Trajano/ A fama das vitórias que tiveram;/ Que eu canto o peito ilustre lusitano” (CAMÕES, 1964, p. 6). Bem verdade, Luís de Camões também abre espaço para tropeços, naufrágios, velhos descrentes. Uma geração de desbravadores, forjada a ferro e valentia na escola de Sagres, que enfrentou perigosos obstáculos marítimos, terrenos e extraterrenos, uma vez que até os deuses ousavam interferir no destino português. Enfim, uma aventura de altos riscos, vencidos pela superação lusitana, “mais que prometia a força humana” (CAMÕES, 1964, p. 14).

Em *Os Lusíadas*, acompanhamos este desfilar de fatos gloriosos e a consolidação do destemor de indômitos que “entre gente remota edificaram/ Novo Reino, que tanto sublimaram” (Ibidem, p. 14). A respeito da obra, já disse Teixeira de Pascoaes, em *A arte de ser português*, que a grande diferença entre o gigantesco poderio marítimo entre Portugal e Espanha é que, diferentemente dos espanhóis, teve o português um poeta que, com genialidade, cantou e inscreveu para a eternidade os feitos de uma nação.

Evidentemente, este discurso das glórias lusitanas teve (e tem) eco em diferentes tempos na literatura portuguesa, e podemos destacar dois pontos extremos no passado século XX. Impossível seria sublinhar o que faz António Lobo Antunes em *As naus*, nas décadas finais, sem nos referirmos à quebra do discurso épico camoniano atingida por Fernando Pessoa, nos inícios do mesmo século. Em *Mensagem*, única obra em língua portuguesa publicada por Pessoa em vida, há a recontação dessa proeza lusitana entrelaçada a um desfilar de heróis desafortunados e desmitificações de uma nação à deriva, que se embaralham e também desconstroem o discurso de *Os Lusíadas*.

“Ó mar salgado, quanto do teu sal/ são lágrimas de Portugal” (PESSOA, 2006, p. 74) grita Pessoa, no contrafluxo do discurso épico. É uma glória, também, feita de derrotas que é trazida à tona em *Mensagem*, um retrato de um Portugal estagnado, decadente, à espera, *Aquele que está dormindo* e em outros tempos foi o *Senhor do Mar*. Pessoa nos avisa que a hora do despertar português é chegada: “Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,/ define com perfil e ser/ Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer [...] Tudo é disperso, nada é inteiro/ Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../ É a Hora!” (Ibidem, p. 95). Décadas passaram-se e Lobo Antunes aponta que essa hora nunca se fez, que Portugal congelou-se no seu próprio flagelo.

*De partidas,
ausências e não
regressos*

235

O século XX, aliás, reservou uma série de acontecimentos trágicos na historiografia lusitana. Uma linha traçada por uma monarquia agonizante, assassinada em praça pública por uma República pueril, a qual se inscreverá, igualmente, numa sequência de fatos com alto teor dramático, pouco obtendo a simpatia popular e mais tarde eliminando o povo de sua lógica de atuação, adentrando o nebuloso terreno ditatorial. Um século de presidentes depostos, assassinados, martirizados, mitificados. Portugal, na acidentada cronologia de seus chefes de Estado, reproduz uma mesma inconstância galopante, uma mesma infelicidade recorrente, uma sensação de derrotismo que traz à tona dinastias acabadas, reis que nunca foram o que deles se esperava, ou que foram e nunca retornaram. E assim, o gosto da decadência intensifica-se. Uma nação que inteira viu-se isolada e amordaçada pelos braços de um *paizinho*, testemunhando, colônia a colônia, com sangue e gritos de revolta, a perda de um império que nunca existiu dentro das linhas de sua constituição geográfica.

É de um Portugal pequeno marcado por gigantescos dramas, voltado de costas para o seu futuro de que falamos. Uma nação que sempre deslumbrou o *lá fora*, nunca o *cá dentro*, como afirma Teixeira de Pascoaes em seu *Livro de Memórias*: “Adoramos a ausência e desprezamos a presença. Preferimos a Índia remota, incerta, além dos mares, ao bocado de terra em que nascemos. Vamos colonizar a África e o Brasil e deixamos crescer a erva à nossa porta” (PASCOAES, 1999, p. 151). Por isso, complementa: “o destino dos portugueses é chorar a sua mágoa transcendente” (Ibidem, p. 152).

É deste Portugal de que falamos, que entoa o fado, olhos fixos no horizonte perdido, que se volta ao passado. Eduardo Lourenço comenta: “Simbolicamente, nenhum povo vive no passado como o português. Vamos acabar este milênio [...] revisitando e reanimando esse passado a bordo da mesma nau da Índia e dos mares que tivemos de atravessar” (LOURENÇO, 2001a, p. 65), pois é “um passado fundamentalmente vivido como justificação transcendental do presente e caução do futuro” (Ibidem, p. 65).

É deste Portugal de que falamos, um *país de névoa e de não ser*, como cantou Sophia Andresen. É desta matéria em constante exorcismo, repleta de fantasmas, que Lobo Antunes alimenta-se.

Em *As Naus*, Antunes reconstrói um Portugal perdido entre tempos distintos. A *convocação* e a *sublimação* de todos os *nossos fantasmas*, como salientou Eduardo Lourenço, materializa-se em um espaço mítico e reconhecível: as imediações da Torre de Belém. Porém as figuras que

circundam esse ambiente quebram a lógica histórica, pois trazem “vendas de condessas dementes, de lojas de passarinhos alucinados e de bares de turistas” convivendo com “japoneses míopes que fotografam tudo” (ANTUNES, 2000, p. 10). É, pois, um espaço de “agitação de canoas, a nau das descobertas” (Ibidem, p. 11), do retorno de grandes personagens que marcaram seus nomes na História de Portugal.

Entretanto, não é apenas na *Lixboa* de Antunes que se confundem estes traços de civilização e barbárie, de florescimento e deterioração. Também nas ex-colônias existem a mistura de raças e a intenção de fuga. “Tinha demorado uma semana com a mulata e o miúdo na sala de embarque do aeroporto de Luanda, estendidos no chão, enrolados em mantas, moídos de fome e de vontade de urinar [...] na esperança de vaga para fugir de Angola” (Ibidem, p. 12). Não há mais lugar para a celebração do deslocamento das naus. Agora, o espaço decadente, em ruínas, é cenário perfeito para personagens – antes glorificados – também decadentes. Convivem com eles gente comum, “clérigos, astrólogos, comerciantes judeus, aias, contrabandistas de escravos” que “formavam uma serpente de lamentos e miséria aeroporto adiante” (Ibidem, p. 13). Entre esses, um homem identifica-se, sem a compreensão do atendente do aeroporto: “Pedro Álvares de quê?” (Ibidem, p. 14).

É deste Portugal de Cabral, de Diogo Cão, de Manoel de Sousa Sepúlveda, de Fernão Magalhães de que fala Lobo Antunes, figuras idolatradas por Camões, mas que agora perambulam por um Portugal sombrio e doente. São seres abatidos, transformados em funcionários públicos e burocratas medíocres por Antunes, que dividem o espaço com outro personagem mítico, o *criador*, Luís, que nunca receberá o sobrenome Camões: “Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda, que permaneceu no Cais de Alcântara três ou quatro semanas, pelo menos, sentado em cima do caixão do pai, à espera que o resto da bagagem apontasse no navio seguinte” (Ibidem, p. 19). Nessa espera pelo resto, sentado junto ao cadáver do pai, Luís procura (no presente) aquilo que por ele foi despachado (no passado). O pai-Portugal?

Em *As Naus*, Manoel Sepúlveda, que “morava em Malange, numa casa geminada a 100 metros do quartel” (Ibidem, p. 73), retornou a Portugal. O bravo navegador, louvado por Camões, que sucumbiu no Cabo das Tormentas – “Outro também virá de honrada fama/ Liberal, cavaleiro, enamorado,/ E consigo trará a formosa dama,/ Que amor por grã mercê lhe terá dado,/Triste ventura e negro fado os chama/ Neste terreno meu,

*De partidas,
ausências e não
regressos*

237

que duro e irado,/Os deixará dum cru naufrágio” (CAMÕES, 1964, p. 178) – defronta-se com um novo Adamastor, a saber, o complexo imobiliário que se desenvolveu na Costa da Caparica, litoral português próximo a Lisboa: “Espantou-se com o gigantesco animal adormecido da Costa da Caparica na distância, a profusão de prédios, de hotéis, de insígnias, do brilho turvo dos cafés” (ANTUNES, 2000, p. 80). O valente comandante do Galeão São João, dono de um apartamento na região, vê-se sem casa, pois a sua fora invadida. Comentam a respeito os invasores: “Chegou da África agora, coitado, não vinha cá há séculos, explorava os camaradas pretinhos, julga que a casa é dele. Isto pertence ao povo, amigo” (Ibidem, p. 85). O despejo narrado serve como metáfora a um Portugal de outro feitio, sem lugar para heróis. Na *navegação do retorno*, as colônias são esvaziadas – “As naus aportavam vazias e partiam cheias, convexas de gente e de caixotes” (Ibidem, p. 53) –, e a Lisboa que espera é o símbolo do caos e da miséria, de personagens bêbados – como Antonio Vieira, invocado pela *Mensagem* pessoana, que aqui surge sempre de cachecol, “expulso de todos os cabarés de Lisboa [...], discursando os seus sermões de ébrio, até tombar num sofá, entre duas negras” (Ibidem, p. 124) –, de figuras célebres que perdem a aura, e mesmo a auréola. Interessante é a troca de identidade a que Antunes submete Francisco Xavier, um dos fundadores da Companhia de Jesus, padre missionário que viveu muitos anos na Índia, e que surge nada santificado, como um *indiano gordo de sandálias* a viver dentro de um residencial que “cheirava a insônia e a pés, cheirava ao estrume de curral da miséria” (Ibidem, p. 32).

É neste *Residencial Apóstolo das Índias*, resumo espacial da confluência de tipos agora marginalizados, que também se encontram Diogo Cão e um casal de idosos. A precariedade do lugar é reforçada pela descrição de Antunes: “O primeiro amigo que fizeram no Residencial Apóstolos das Índias dormia três colchões adiante, chamava-se Diogo Cão” (Ibidem, p. 65). Este Diogo Cão, que atravessou mares, rios e povos, também cantado por Camões, sofre de constantes delírios, a padecer de uma febre dos descobrimentos, uma vez que “continuava a interessar-se pelas tágides, mas de uma forma intermitente e vaga, [...] vasculhando os tanques, chafarizes e lagos da cidade na esperança de entrever a cintilação de truta das ninfas” (Ibidem, p. 207).

Na materialização deste Portugal desconstruído por Antunes, também circulam “dezenas de Fernandos Pessoas muito sérios, de óculos e bigodes” (Ibidem, p. 159), um D. Sebastião drogado, um “pateta inútil de sandálias e brinco na orelha” (Ibidem, p. 179), em busca de ha-

xixe e outros prazeres. Enquanto isso, o homem de nome Luís escrevia “oitavas, diante da mesma água mineral na esplanada do café de Santa Apolônia” (Ibidem, p. 155). Este homem compõe sua obra frente a uma máquina quebrada. Na construção da seguinte passagem, atentemos para a mudança da pessoa verbal, aumentando a voltagem do delírio que é *As Naus*: “O homem de nome Luís mudou o pai de braço para aliviar o cotovelo, mas palavra que nunca pensei que Lixboa fosse esse dédalo de janelas de sacadas” (Ibidem, p. 92).

No meio do cenário labiríntico e opressor, surge a voz do casal de idosos, de onde sai matéria de grande interesse na busca desses signos do discurso antiépico de Lobo Antunes: “Veio-lhe à cabeça a frase da esposa. Já não pertença aqui, e pensou na idade de elefantes deles, reformados, sem dinheiro, sem família, sem móveis, dependentes de uma pensãozinha” (Ibidem, p. 62). No percurso inverso, na volta a essa terra de origem, percebem os idosos que tiveram apagadas todas as marcas de pertencimento, de ligação com Portugal. Raízes arrancadas, sensação de ausência e de não pertença levam a um único pensamento, o do apagamento definitivo – “o bom senso de morrer, de engolir a embalagem completa das pílulas calmantes” (Ibidem, p. 63). Essa *desterritorialização*, em sentido menos complexo que o proposto por Deleuze, esse apagamento de referências simbólicas pessoais em seu próprio território, é marca constante nas obras de Lobo Antunes.

O vácuo de uma euforia passadista mascara o presente e traz junto de si um acúmulo de ausências que se presentificam, solidificado na imagem atual de Portugal. Diz Eduardo Lourenço, em “Psicanálise mítica do destino português”: “começou então a doer-nos, não o estado de Portugal, as suas desgraças ou catástrofes políticas, mas a existência portuguesa, pressentida, descrita, glosada, como existência diminuída, arremedo grosseiro da existência civilizada” (Ibidem, p. 30). Para compensar o descompasso, constrói Portugal um império lá fora: “Para fugir a uma imagem reles de si mesmo, Portugal descobre a África, cobre a sua nudez caseira com uma nova pele, que não será apenas imperial, mas imperialista” (LOURENÇO, 2001a, p. 30).

É outra vez no deslocamento, desta feita oriundo da guerra colonial do século XX, que Lobo Antunes orchestra sua voz de denúncia. Em *Os cus de Judas*, o escritor constrói um longo discurso, proferido pelo personagem-narrador, sujeito em crise, que perde seus contornos, desde sempre tênues, quando parte de Angola e volta para Lisboa. A beleza única das pai-

*De partidas,
ausências e não
regressos*

239

sagens africanas dentro dos manuais de História é substituída pelo relato cruel de uma testemunha viva da degradação: “Luanda começou por ser um pobre cais sem majestades cujos armazéns ondulavam na umidade e no calor” (ANTUNES, 2003, p. 25). O personagem esbraveja: “Cidade colonial pretensiosa e suja que nunca gostei. Não te pertenco e não me pertences, tudo em ti me repele, recuso que este seja o meu país” (Ibidem, p. 118).

Solteiro – “um solteirão melancólico a quem não se telefona e cujo telefonema ninguém espera” (Ibidem, p. 69) –, um ser invisível – “estou aqui, reparem em mim que estou aqui” (Ibidem, p. 78), moribundo – “continuo mais ou menos vivo” (Ibidem, p. 123) –, que questiona uma guerra inútil – “que imbecil aquela guerra” (Ibidem, p. 179) –, enquanto percebe o aniquilamento da identidade de toda uma comunidade – “o que fizeram do meu povo, o que fizeram de nós, aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar” (Ibidem, p. 67). A guerra transformou-os em bichos. A guerra, “a cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder”, tomemos esta imagem emprestada de Mia Couto¹, traz junto dela um sem sentido, uma confusão na percepção inclusive do inimigo: “Soldado português porque lutas contra os teus irmãos, mas era contra nós próprios que lutávamos” (Ibidem, p. 120).

O personagem, carregado de civilização e de conhecimento pela medicina, assume-se tão nocivo quanto as armas que manipula, pois leva aos doentes e feridos *remédios inúteis*, e representa um Estado assassino: “Ódio contra os senhores de Lisboa que disparavam sobre nós as balas envenenadas dos seus discursos patrióticos” (Ibidem, p. 192). E completa: “São os guerrilheiros ou Lisboa que nos assassinaram?” (Ibidem, p. 48)

O discurso regado a uísque, porque se enfrenta melhor “o espectro da agonia com a língua a arder” (Ibidem, p. 29), em um bar de Lisboa, rememora um alfabeto inteiro de perdas (reparemos que os capítulos são marcados por letras). E, outra vez, o retorno a um sítio ao qual também não pertence: “Flutuo entre dois continentes que me repelem, nu de raízes” (Ibidem, p. 211). Este *homenzinho derrotado* representa gerações e gerações de velhos e jovens de Restelo, seres descrentes, que convivem com um passado por demais presente, que lhes traz uma amarga ressaca. Uma geração de covardes à procura de bodes expiatórios, como diz ainda o personagem: “Falta-nos alguém que possamos culpar do nosso fundo descontentamento de nós próprios” (Ibidem, p. 160).

1 Da obra *Terra sonâmbula*.

A perda das raízes, a sensação de uma longa insônia é imagem absolutamente oposta à atingida por Camões em *Os Lusíadas*. Dos cantos gloriosos, fica, em Lobo Antunes, o desafinado e descontraído lamento de estranhezas. Articulados geralmente de modo polifônico, os romances de Antunes trazem uma infinidade de vozes em constante lamúria, na reconstrução da memória. Diz, a respeito dos alicerces romanescos de Lobo Antunes, o crítico Fernando Pinto do Amaral:

Narrados por diversas vozes e entrecortados por fragmentos de diálogos que afloram ao discurso e se cruzam num ágil caleidoscópio de constantes *flashbacks* subjetivos, recuperando as coisas absurdas que se fixam na memória, os livros de Lobo Antunes conseguem levar muito longe a confusa percepção e a translúcida projeção de lembranças, como se alguns gestos do presente pudessem magicamente transformar-se em experiências vividas no passado (AMARAL, 2004, p. 84).

*De partidas,
ausências e não
regressos*

241

Passado e seus espectros que povoam as obras de Antunes. As navegações, a ditadura salazarista, a guerra colonial, o lugar da África e do Brasil, a desconstrução da identidade embaralham-se nas páginas do autor em longas jornadas a floradas a partir de um fluxo de consciência. Um despejar de incertezas, de falsos passados, de prometidos futuros.

A imagem de Portugal frente a si mesmo parece estar sempre na tribuna. O país cantado no discurso épico mergulha em uma crise econômica sem precedentes, numa confusa instabilidade entre pedidos de empréstimos à comunidade europeia e mendigos septuagenários nas estações do metro.

E surge a imagem de Fernanda Torres, no Cabo da Roca, a olhar para o mar, a olhar o infinito. Em *Terra Estrangeira*, filme de Walter Salles, Brasil e Portugal irmanam-se como terra de ausências. Alex, a personagem de Torres, vislumbra a imensidão do cenário, relembra as navegações e seu próprio deslocamento em busca de um futuro melhor. Ela afirma: “Tanto faz o lugar. Quanto mais o tempo passa, mais eu me sinto estrangeira” (SALLES, 1996, p. 18). Os conflitos da brasileira, que não encontrou a vida feliz que buscava em Portugal e que o Brasil lhe negara, são agravados quando Pedro, seu amigo lusitano, comenta: “Isto aqui não é sítio para encontrar ninguém. Isto é terra de gente que partiu para o mar. É o lugar ideal para perder alguém ou para perder-se de si mesmo” (Ibidem, p. 19).

Grandes conquistas, grandes perdas. O castelo de areia caprichosamente construído, fruto de um tempo único e mítico, recebe o sopro enfurecido de Lobo Antunes: “Merda de país de merda” (ANTUNES, 2003, p. 100). Voam neste vento de Adamastor heróis, feitos e nação. É um tempo desconexo, de “relógios que rodam para trás, marcando horas que já foram” (Ibidem, p. 81).

Não há mais castelos, nem castelos de areia. Há o mar, máquina de avanços e recuos.

Há a espera.

Outra vez e sempre, a espera.

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?

Nós, Portugal, o poder ser

Que inquietação do fundo nos soergue?

O desejar poder querer

(Fernando Pessoa)

Referências

ANTUNES, Lobo. **As naus**. Lisboa: D. Quixote, 2000.

_____. **Os cus de Judas**. Lisboa: D. Quixote, 2003.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Jackson, 1964.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001a.

_____. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Gradiva, 2001b.

PASCOAES, Teixeira. **O livro de memórias**. Porto: Assírio e Alvin, 1999.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

SALLES, Walter. **Terra estrangeira: o roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.